

# A COMEDIA SOCIAL

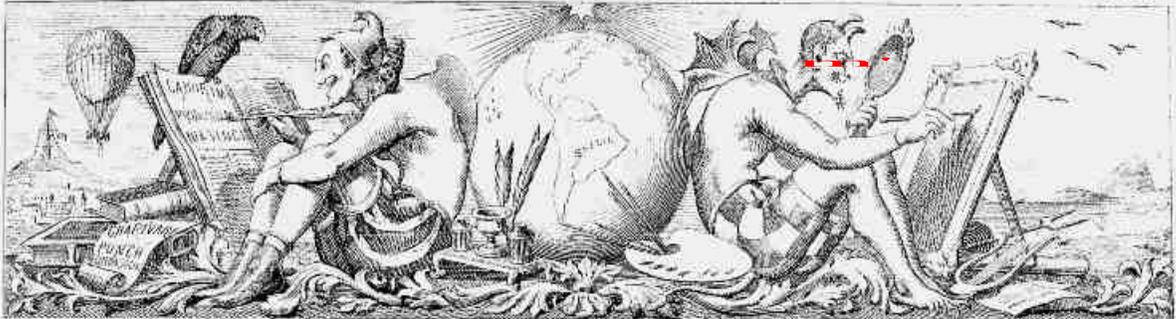
Anno I

HEBDOMADARIO POPULAR SATIRICO

Nº 10



246  
57



### Advertaria.

Rede-se a quinze quizes, mandando artigos ou illustrações para a Comedia social, ao logar de recolher-se a redacção - Rua do Rosário Nº 43, Funchal, onde se recebem assignaturas.)

### Preço das Assignaturas

CORTE E KUPONEMO ILY		Para as Províncias	
Anno	8 6000	Anno	10 6000
Semestre	4 500	Semestre	6 6000
Numero Avulso	200		

### Principaes litteras

El Comedia Social tem por fim, promover a educacao do povo e sua capacitação physica, intellectual e moral, promovendo nos ricos e intelligencia legitima, até hoje desatendidos, e habilitando para uma luctação leal e pacifica a gerencia de seus interesses. O meio que emprega é a satira, e o critica, tanto dos viciaes e abusos que cercam a nossa sociedade, da corrupção, da illeccão, da illiteracia, da ignorancia, da indolencia, da eguancia e do chafollismo. No bello estimo do bello e do bem, e com humilde petição, fivoseo apurarlo do bem.



Illustração dos nossos Camponeses.

- Pois o Sr. ajuda se quiza, tendo uma via ferrea que passa mesmo na porta de sua casa!.
- Essa é boa! é necessario pagar, para se ontcar na tal decontata e via ferrea. » Sarcas de patifus!

# A COMEDIA SOCIAL

KIO DE JANEIRO, 7 DE JUNHO DE 1870.

## POR CAUSA DE UM BELLO; COMEDIA EM UM ACTO.

Personagens.

- Dr. Gramma
- Dr. Penna
- Clara
- Joanna

SCENA I.

Penna, sic. — O papel do marido consiste em visitar a sua mulher. As mulheres têm uma repugnancia natural para com os seus maridos, e esta repugnancia manifesta-se em manifestações de intima falta de confiança pelo marido. Se eu fosse deputado... e quanto não sou? Sou advogado... e finalmente um marido não é a mesma coisa que se exige... Se eu fosse deputado, apresentaria um projecto para declarar nulos todos os casamentos feitos sem o reconhecimento do grande verdadeiro iniciador.

Entra Joanna.

JOANNA. — Nhonho, o Dr. Gramma esteve em a sítia, e veio beijar a mão della quanto se viu. **Penna.** — Que ouço! **Joanna.** — Não sei, não, nonho, mas creio que são os meninos firmes em os países. Vou ver já. **Penna.** — E tu, tu ver essa infame traidora!

SCENA II.

Penna e Dr. Clara encontrando-se.  
Penna. — Você...  
Dr. Clara. — Você é um...  
Penna. — Não é verdade, senhor!  
Sou...  
Dr. Clara. — Não é verdade, senhor!  
Penna. — Então?...  
Dr. Clara. — Então, vou para meu quarto, e nego-lhe entrada em quanto você não souber tratar as senhoras com o devido respeito.  
Penna. — Ora...  
Dr. Clara. — Então, vou para meu quarto, e nego-lhe entrada em quanto você não souber tratar as senhoras com o devido respeito.  
Penna. — Ora...  
Dr. Clara. — Então, vou para meu quarto, e nego-lhe entrada em quanto você não souber tratar as senhoras com o devido respeito.

SCENA III.

Dr. Gramma dormindo em sua cadeira.  
Entra Penna, por entre a porta.  
Penna. — Idem...  
Gramma acordado. — Quem é?  
Penna. — É...  
Gramma. — O remédio mais seguro é a morte.

Penna (com terror). — A morte! (A par...)  
Gramma (admirado). — Perdido por que?  
Penna (confuso). — Por...  
Gramma. — Então, vou para meu quarto, e nego-lhe entrada em quanto você não souber tratar as senhoras com o devido respeito.

SCENA IV.

Entra Penna.

Penna. — Então um dos criminosos me escapou. Tanto pelo pelo a outra. E a verdade é que, pensando maduramente no caso, vejo que é melhor matar a este só, e deixar a elle com seus remorsos. E quanto a mim, devo viver para gozar da vingança. A minha agonia é muito mais simples.  
Entra Dr. Clara.  
Dr. Clara. — O jantar está na mesa.  
Penna. — Não talhe assim, creatina! Mas antes de morar, diga-me uma coisa: beijou a mão do Dr. Gramma?  
Dr. Clara. — Eu beijar a mão do Dr. Gramma? Então não tem que fazer senão insultar sua mulher?  
Penna. — Joanna!  
Joanna. — Nonho!  
Penna. — Tu não disseste que minha mulher beijou a mão do Dr. Gramma?  
Joanna. — Não, nonho; eu disse que o Dr. Gramma beijou a mão da minha mãe, — coisa que achas muito desproposita.  
Penna. — Que ouço! E agora que me falta mulher já como a melhor parte do jantar. Vou correndo.

Fim.

## Por Causa de Uma Cabeça de Peixe.

Por Atlantico.

III

Um chá em casa do reverendo Cajazeira era um acontecimento que sempre produzia profunda sensação na vizinhança. O respeitavel sacerdote, como já ficou dito, era um modelo de temperança, mas ouvia dizer que chá simples, ou chá salteado, na phrase da Sr. D. Claudemira, produzia offenso no estomago e systema nervoso, e não querendo carregar com a responsabilidade de haver prejudicado a saúde dos seus convidados, sempre fazia começar as mortificações da meza por um esplendido sarapatel.  
Um levantamento assado, também era de rigor n'essas occasiões, e os entusiastas de de aves podiam dividir os seus cuidados entre o peixe assado e a galinha de milho partido.  
Cohentando em todas as suas idéas, como daria um peixe, não consentia ver figurar na meza em tais noites peixe de qualquer alguma. « O peixe não dá vigor bastante, » eram as expressões do meu digno amigo, « e eu ficaria em remorsos se deixasse essa amavel juventude ir dançar e entregar-se aos folgadas progressos da sua idade, sem primeiramente lavar tomado uma nutrição sufficiente.  
Desnecessário é acrescentar — seriam sempre recabidos com especial agrado os conyates do Sr. conego.  
As pessoas que fallavam mal d'allo reconheciam, mal recebiam um convite, não ser o odio uma virtude christã, e apressavam-se em ir mostrar-lhe os seus sentimentos de profunda estima e sympathia.  
Mas com especialidade a Sr. D. Claudemira era quem recibia as honras do triumpho n'essas noites. A estimavel senhora, em todo o seu vigor e esplendor dos trinta e seis annos, obtinha ovacões copiosas, sobretudo na opinião das bellas de meza.

Mado continha tanto para mostrar cara alegre como estar de bairrigo chata, e o Sr. Ulysses Carnatillo era um exemplo vivo desta verdade.  
Era este cavalheiro um jovem de seus vinte annos, encargado de escrever o folhetim do um jornal hebdomadario.  
Dava grande apago aos dozes feitos pela Sr. D. Claudemira, e no noite em que o Reverendo quiz celebrar os annos da criação della da vizinhança, achava-se presente o folhetinista.  
Um pouco esquecido com os miudades bellas, prometia immortalizar a estimavel senhora no primeiro escripto que tivesse de publicar aquella semana.  
Realmente apenas chegou o sabado, dia da entrega do jornal, viram todas o nome da insignificante doçaina elevado ao sétimo eát nos mais hyperlativos termos.  
Era mais que tudo celebrada uma torta apresentada ao noite do chá.  
Tornou-se assim extraordinario a fama gahida pelo Sr. D. Claudemira — de um torto e de um folhetim.

(Continua.)

## RECADOS DOS AMIGOS

### Certos doidos.

As rosas de uma arvore e sapo imundo  
A abelha com uma flor nas beijas vio,  
Causou-lhe espanto aquillo adon da abelha,  
E, embora grave amphisio, zombou, rio,  
E disse: « Como é parva!  
Que tesouros amir!  
A tal abelha é doilha;  
Para que serve a flor? »  
A tarde a ostra, que se apaga a rocha,  
Do sabão sauloso canto ouvio;  
Não commoveu-se a dote melodia;  
Do aligeiro cantor zombando, rio,  
E disse: « Que loucura!  
E disto fallam tanto?  
O sabão é inutil;  
Para que serve o canto? »  
Do unhaso comto um dia emna coruja  
A aguia, alquanto o voo, distinguio:  
Verdoso fitar o sol, basculio amante  
Em alturas areoladas, zombou, rio,  
E disse: « Poitio a aguia  
Dos meus doidos no rol:  
Amar lre que deslumbra!  
Para que serve o sol? »  
Em outro dia emfim o sentio burro  
Logo lara do uma poeta ouvio;  
Logo as orelhas sacudindo enormes,  
E arrebrado de moita, zombou, rio,  
E disse: « Que mansueto!  
Que homem tão pateta!  
A poesia é loucura;  
Para que serve o poeta? »

### Letiam e almeicem!

Entre as diferentes noticias das provincias do norte, vem o seguinte que recommendamos á attenção dos amáveis leitores:  
O subalibegado do Pacatuba, Estevão José do Almeida, fez copia de delibos em uma vacu ferida por um dero. Os perigos de conformidade com os quaesitos declararam que a vacu soffrea grave incommodo de saúde, e ficou indubitavel a para ser virto por mais de trinta dias.  
O Conesca, folha d'ouite extrahimos a noticia, não declara se o offensor pagou os prejuizos causados. Nesta epoca de questões praticas e de solidas estudos economicos bem desejamos ver estabelecido definitivamente o preço do salario de uma vacu. Também não seria máo lica-seo orientado acerca do melhor tratamento a seguir-se para o resta-

hebecimento da saúde do animalão, e algum advogado poderia indicar-me se essa denominação de animalão, applicada a uma vaca na presença de quinze pessoas, constitui crime de injúria.

Albérico.

**A pontamentos.**

Oh, quanto cousinha boa  
Estes olhos não têm visto  
Por este mundo de Christo  
Onde tenho andado á toa ?  
Mas antes que o veamos roa  
Esta coisa já consalado  
Hei de ser a felicidade  
Meu caderno de memórias ;  
Não são contos nem historias,  
São versos do pé quebrado.

Dirá agora o leitor :  
« O que temos não com isto ?  
Guarda lá o que tem visto,  
Não nos moses por favor, »  
Porém, meu caro senhor,  
Tendo alguma paciência,  
Desculpe a impertinência  
De um pobre vale atrevido,  
Que também já tem soffrido  
Des bucos muita insolência.

Um dia no meu caminho  
Eu fui acotovellado  
Por um perally adamado  
De lamito no focinho ;  
Ennessi-me n'um cantinho,  
Deixei-o passar a frente  
Com seu ar impertinente  
E chacoalho na mão ;  
Esta bicho era um feio ;  
Mas nemta devonou gente.

As pernas movia a custo  
Na calça muito estreitinha,  
Um sacco jubo lhe vinha  
Aos quadris movent de susto ;  
Fazia-lhe sombar o busto  
Uma juba ou cabelleira,  
Trazia as mãos na algibeira,  
Tinha os bigodes torcidos,  
Os badins muito poidos,  
E nem vinham na carteira.

Não completou a pintura :  
Falta ainda um bocalinho ;  
Era um alvo chapetinho  
No cimo da como escura...  
« Que verso ! que prosa dura ! »  
Gritava muito sujeito,  
Ao ver o sublimo effeito  
D'esta minha poesia ;  
O que gritar tem falta,  
Venho que traz flor no peito.

Pela rua do Davidor  
Enfia o nosso janota,  
E vai encostar-se á porta  
Da casa de algum credor ;  
Lá com risos de impostor  
Olha os pobres ommalantes,  
Mas se moças elegantes  
Passam junto do Narciso,  
Ei-o já com um sorriso  
Forçando d'itos galantes.

Se conhece uma franceza,  
Elle lhe diz : *Bon soir* ;  
Mas se ella toca a fallar,  
Ei-o já com a lingua presa ;  
Se responde na incertiza :  
« Ou, está vrid... eu entendo...  
Tres-tham... eu comprehendo,  
Je vais faire encue un tom,  
Adieu... bonjour...  
Quelle nuit !... Está chovendo ! »

Jávo o tañu na illusão  
Que a mudhar basta avistal-o,  
Pare quezale e amal-o  
Com violenta paixão :

Tanto pode a presumpção  
Em cabega sem moço !  
Deixemos-lhe esse consolo,  
Em quanto a realidade  
Ao tafel não persuade  
Que elle faz papel de tolo.  
*Gregorio Mathias.*

**Soneto**

— Quanto medra (digo) se beato este país !  
A civilização quão n'este beirão !  
A Côrta, sobretudo, maravilha !  
E quasi Londress já, quasi Pariz !

De elogio, á respeito, tanto diz  
Qualquer noticiário ou gazetinha,  
E á lingua sóta ahí certa matilha,  
Que mancal-os se doa, não com gaz !

*Ora, favus!* — por que tanta azafama,  
Se — em geral — savés nós tudo é fatofa,  
E nada mais... — porque a moral se escava !

*Fiz-se procurador,* hoje se *esboça,*  
Em pro d'apatrio, só quem *atella* *mama!*...  
Mas affim o bom senso sempre móta !  
*Pae.*

**O QUE VAI POR AHI**

As partes officiaes, chegadas do Paraguay, confirmaram, em todos os pontos, as noticias, que tinhamos, da finalisação da guerra.

Ainda bem !  
O Brazil já estava fatigado de uma lucta tão tenaz e prolongada, na qual dispendio grande somma de seus recursos, vendo-se hoje a braços com uma divida enorme.

Restabelecer nossos finanças é um trabalho gigantesco, para o qual o Sr. Laboraty não tem as precisas habilitações, faltando-lhe até a energia e forza do vontade que seus thuriferarios lhe attribuiam.

É preciso que S. Ex., fazendo sacrificio do infantil prazer de andar do correio e ordenança atroz do campo, entregue a pasta a quem de diante pertence.

Mas, pergundo, quem o substituirá ? Quem se jogará com forza bastante para restanrar o estado do thesouro ?

Estou tão desistente dos nossos homens publicos, tenho-os visto tão repetidas vezes naufragar em cousas insignificantes, que d'estas nada espero.

E, pois, minha opinião, que as cousas devam seguir seu curso natural, entregues a si mesmas, sem que os nossos fideis politicos façam o menor estorço para melhora-las.

— E depois ? me perguntarão.  
— Ora!, coarlem no futuro; os immensos recursos naturaes do Brazil, deuto de poucos annos, restabelecerão o equilibrio do thesouro.

São tantas e tão enconchadas os boatos, que correm, sobre o que se passa nas alturas do poder, que não sei no que devo acreditar.

Dizem que a lucta travada entre os Srs. Cotegipe e Ruytino o anno passado, por occasião do autorizo que aquelle quizeza celebrar com os senadores da opposição, em logar de extinguir-se, tomou cada dia mais corpo, embora os deus apparentem viver na mais perfeita e cordial intelligencia.

O Sr. Paulino tem em seu favor a empenho e incontestavel qualidade de ser sobrinho de seu tio, pelo que espera cantar a victoria : o Sr. Cotegipe, porém, apesar de não ter fio de quem seja sobrinho, disputa o campo com energia.

Eu não sei quem será o triumphador; o que posso, porém, affirmar, é que ha de ser bom, bem bom aquelle que arrastar o cabelinho da venta do Sr. Wanderley.

Os taos Srs. militares são intoleráveis ! Por toda a parte se queixam amargamente do governo, do qual dizem cobras e lagartas.

E por que toda esta celexma ? Por que o governo deixa-os ahí aospitas, não lhes dando meios de subsistencia ?

Este clamor geral não tem razão de ser. A guerra está acabada : que necessidade, pois, tem o governo de gastar contemplanções com esses *usassarios* necessários, como al-guam já os denominou ?

Nada de pompal-ras, Sr. Muritiba ; fogo nellos ! ■ [ ]

Eu, no caso de V. Ex., mandava-os tomar *frasco* na Lage e Santa Cruz.

« Siga V. Ex. meu conselho e verá como se calam todos esses insubordinados.  
Verdade é que ahí está a *reforma* para girar contra semelhante procedimento, que taxado do barbaro, atroz, iniquo, arbitrario, &c. &c.

V. Ex., porém, *espírito forte* como é, não faça caso disso : siga seu caminho e conte que a posteridade lhe fará justiça.

Vou dar uma noticia, cuja responsabilidade não assumo.

Consta que entre os muitos festejos com que o Sr. conde d'Ala se'a recebido n'esta corte, terá lugar uma grande revista e exercicio na praça de D. Pedro I.

Commandar em chefe o Sr. ministro da guerra, trajando bexa, gorro, botas compridas e brandindo a *durandana* que Lopez trazia na batalha de Aquidaban.

O Sr. Muritiba, que não quer *especulos*, tomou lições diariamente de declamação exercicios militares.

Tem a honra de ser mestre de S. Ex., o Sr. marechal do exercito, barão de Itapagipe. É natural, que o puerilismo fluminense concorre em massa a apreciar tão grande espectáculo : eu lá vou infallivelmente.

O desembarque dos bravos cearenses, ao mando do intrepido coronel Tiburcio foi pomposo e brilhante.  
Flores, foguetes, poestas, discursos... nada lhes faltou.

Agradaram-me muito os discursos do conselheiro José Liberato e Dr. José João, pela energia da phrase e belleza do pensamento.

O conselheiro José Liberato, alem de ser cearense, fez parte do movimento que teve a idea de crear os corpos do voluntarios, idea a que o povo baianoito correspondeu do modo mais cabal e brilhante : assim, S. Ex. tinha duplo motivo para fallar abraçado em patriotismo e enthusiasmo.

O *Diario Offical* e o *Jornal do Commercio* publicaram as inteuções expedidas pelo ministro do imperio para se proceder ao arrolamento da população do municipio neutro.

Formar uma estatística, tão exatto quanto seja possível da população do imperio, é uma necessidade reclamada urgentissimamente pelo nosso estado de civilisação.

Ainda que a medida do governo seja apenas um mero ensaio, é digno de elogio e animação, por quanto é de presumir que, em breve, se estenda a todo o imperio.

A liberdade animal dos brutos é que é uma verdadeira escravidão, e a sujeição racional dos homens é que é sua verdadeira liberdade.



A educação actual.

— Materioso, toma já a benção a teu Pai!

Mãe, porque é que não tem as minhas roupas politicas!



— Veja lá, eu quero os seus presentes iguais.

— Fique bona zocheria descansado, que todos os reis são do mesmo porco!